Pe. Benjamim Videira Pires, S. J.

Benjamim Videira Pires, S. J. Memória e Homenagem

Jorge A. H. Rangel*

INTRODUÇÃO

Por ocasião do centenário do nascimento do Pe. Benjamim Videira Pires, S.J. (1916-1999), decidiu a *Revista de Cultur*a dedicar-lhe um amplo espaço deste número da sua edição internacional, para o que convidou reputados investigadores, como Ana Cristina Alves, Aureliano Barata, António Aresta, Celina Veiga de Oliveira, Jorge de Abreu Arrimar, Jorge Bruxo e Maria de Lurdes Escaleira, a contribuírem com artigos sobre a vida, o pensamento e a obra deste missionário, pedagogo, historiador e escritor, que foi uma das mais destacadas e marcantes personalidades da vida cultural e cívica de Macau na segunda metade do século xx. Os trabalhos apresentados, cujos títulos bem apelativos são "A miscigenação de Benjamim Videira Pires", "Padre Benjamim Videira Pires: Percurso de um educador e historiador de Macau", "A identidade cultural de Macau no pensamento de Benjamim Videira Pires, S. J." , "A *Embaixada Mártir* de Benjamim Videira Pires: O cristianismo e a sua circunstância", "Subindo no céu do Oriente" e "Pensamento e acção de Benjamim Videira Pires em *Religião e Pátria*", permitem ao leitor abarcar, em larga medida, a dimensão excepcional que esta figura multifacetada alcançou e projectou através da sua intervenção persistente e consequente em variados domínios.

Por iniciativa do Instituto Internacional de Macau (IIM), foi dado início, logo em Janeiro do corrente ano, às comemorações deste centenário, com uma bonita e bem participada sessão, eloquentemente protagonizada pela professora e investigadora Beatriz Basto da Silva. Entretanto, o IIM havia publicado, em 2011, o livro *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, de Francisco Videira Pires, ele próprio também sacerdote jesuíta e escritor, além de professor universitário e sociólogo, cujo testemunho é agora incontornável quando se pretende evocar o legado do seu irmão em Macau. Por isso, nestas notas introdutórias que me foi solicitado que redigisse para abrir este capítulo da Revista de Cultura, para além de recorrer à memória que guardei do relacionamento que pudemos manter ao longo de muitos anos, fui buscar naquela oportuna biografia, que o IIM integrou na sua colecção "Missionários para o Século XXI", os elementos necessários à correcta caracterização daquela notabilíssima personalidade nos diversos enquadramentos e facetas que importa nesta altura destacar. Esta apreciada colecção, do variado acervo editorial do IIM, visou precisamente recordar os mais destacados obreiros e servidores da acção missionária no Extremo Oriente, num século "constelado por uma

* Presidente do Instituto Internacional de Macau, foi membro do Governo de Macau com a tutela das áreas da Educação, Cultura, Turismo, Juventude, Desporto e Administração Pública, deputado à Assembleia Legislativa, onde presidiu às Comissões de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias e do Regimento e Mandatos, membro do Conselho de Redacção da Lei Básica da Região Especial de Macau, director do Turismo e da Comunicação Social e presidente da Fundação Macau, da comissão instaladora do Instituto Politécnico de Macau e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Desenvolveu ampla actividade académica e no seio de instituições da sociedade civil, bem como junto de organismos internacionais.

President of the International Institute of Macau, was Secretary for Education, Culture, Tourism, Youth, Sports and Public Administration, as well as Acting Governor of Macao, elected member of the Legislative Assembly, member of the Macao SAR Basic Law Drafting Committee, director of Tourism and Social Communication, president of the Macao Foundation, the Macao Polytechnic Institute and the Portuguese Historical Society (in Lisbon) and chairman of the Education, Sports and Youth Councils of Macao, with a very active involvement in academic affairs, cultural and civic associations and international organisations.

geração de ouro, de tantas figuras excepcionais em Macau radicadas, grandes nas obras, como no quase anonimato de uma humildade que é expressão de um verdadeiro sentido ancilar da vida e do destino".

Gostaríamos que as acções atrás referidas fossem complementadas com mais realizações, na forma de palestras, artigos e edições, sendo desejável a republicação de algumas das obras mais emblemáticas de Benjamim Videira Pires e a compilação de trabalhos seus que ficaram dispersos por jornais e revistas. É um desafio que se lança a instituições locais com óbvias responsabilidades nos sectores académico e cultural, em geral.

NOTAS BIOGRÁFICAS

O livro *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)* de Benjamim Videira Pires foi, para muitos, a sua obra mais exaltante, pela profundidade de interpretação do sentido da missão de Portugal no Oriente e do papel de Macau no contexto do prolongado e fecundo encontro de culturas que aqui se produziu. Ela contém esta sucinta nota biográfica:

> "Benjamim António Videira Pires nasceu em Torre de D. Chama, Mirandela, a 30 de Outubro de 1916, onde também completou o Curso Primário, tendo ingressado no Seminário da Costa, em Guimarães, até terminar os preparatórios do Seminário Menor, equivalente ao Curso Geral Liceal.
>
> Em 1932, entrou na Companhia de Jesus e, em 1936, concluiu um Curso Superior de Humanidades Clássicas e de Literatura Portuguesa, oficialmente reconhecido, no mosteiro beneditino de Alpendurada, concelho de Marco de Canavezes. Na Faculdade de Filosofia de Braga, fez o primeiro ano de Questões Científicas (Física, Química e Matemática) e obteve, em 1940, o bacharelato em Filosofia. Em Granada, Espanha, estudou quatro anos de Teologia na Faculdade de Cartuja.
>
> Aos 5 de Agosto de 1945, foi ordenado sacerdote, no Porto.
>
> Foi professor de Literatura Portuguesa no Seminário Menor dos Jesuítas, em Macieira de Cambra, completou a sua formação espiritual em Salamanca e, em Novembro de 1948, seguia para Macau, onde estudou chinês, tendo vindo a exercer funções docentes (Liceu Nacional Infante D. Henrique) e pastorais (capelão militar, etc.).
>
> É director, desde 1961, do Instituto D. Melchior Carneiro, de que também é fundador, pertencendo ainda a diversas associações de História (membro do Instituto Histórico Ultramarino, governador da International Association of Historians of Asia, etc.) e tendo representado Portugal e Macau em várias conferências e colóquios nacionais e internacionais.
>
> A sua obra literária encontra-se dispersa em várias publicações, particularmente, na revista 'Religião e Pátria' (1956-1968), tendo publicado também alguns livros, com destaque para 'A Mulher Venceu', 'Pregai o Evangelho', 'Jardins Suspensos' (poesia), 'Espelho do Mar' (poesia), 'A Embaixada Mártir' e 'Portugal no Tecto no Mundo'".

Este livro saiu do prelo em 1988, sendo edição do Instituto Cultural de Macau. Dez anos depois, em Agosto de 1998, Benjamim Videira Pires, após um período dolorosamente atribulado neste território, partiria definitivamente para Portugal, já visivelmente debilitado, vindo a falecer no ano seguinte.

Ninguém melhor do que o seu irmão e íntimo confidente, Francisco Videira Pires, também jesuíta e professor, podia ter feito a sua biografia. Na introdução, sintetizou deste modo a dimensão da personalidade do irmão, por quem nutriu "admiração superior à de qualquer outro membro da família":

> "Quando, em começos de Janeiro de 1949, arriba a Macau, vindo de Hong-Kong, a bordo do *Kuantung*, 'uma sucata velha, de chaminé alta como um charuto', o P. Benjamim, no vigor dos 32 anos, longe andava de pensar que só regressaria definitivamente a Lisboa, em voo da TAP, às 6 da madrugada do dia 6 de Agosto de 1998, reduzido a uma ruína e em cadeira de rodas. Neste espaço de quase 50 anos, a sua vida confunde-se de tal modo com a da 'Cidade do Santo Nome de Deus', em apostolado sacerdotal e actividade cultural, que não soam a hipérbole as palavras do Prof. Doutor Veríssimo Serrão, na carta de pêsames que me escreveu, ao afirmar que, enquanto a herança portuguesa perdurar nesse território, o nome de meu irmão permaneceria também indelevelmente ligado a ele.
>
> Não é fácil escrever sobre um irmão que, para mais, em cartas e dedicatórias de livros, sempre me chamava 'irmão duas vezes' – pelo sangue e sacerdócio comuns. Ninguém, por isso, foi tanto seu confidente. A sintonia psicológica, percursos e ideais idênticos, longa e constantemente entrecruzados, permitiram-me viver com ele, em completa empatia, ano a ano e a despeito das distâncias geográficas, cada um dos seus grandes ou pequenos dramas. A carta e o telefone, quantas vezes madrugada alta, pontuavam 'os trabalhos e os dias' dum e doutro.
>
> Sempre nutri por ele admiração superior à de qualquer outro membro da família. Mais até que pelo sobrinho de escol Lucas Pires. Assombrava-me como, praticamente só com Deus, levou a cabo obra tão multiforme, desdobrando-se, com igual naturalidade, por iniciativas de apostolado, de alta cultura, de educação, de ensino, de construtor duma instituição escolar que hoje vale milhões, escrevendo sempre, para diversíssimos órgãos de imprensa e, mais ainda, livros de variados géneros literários. Com tempo de repartir pelas almas e pelos amigos, nunca suscitando neles a sensação de que estavam a estorvá-lo, como se a cada instante dispusesse da eternidade para cada um que o precisava.
>
> Nestas laudas, porventura longas, pelas páginas, mas sempre curtas, para a dimensão da sua personalidade, conto que ao menos um esboço fiel da sua alma venham encontrar quantos as lerem".

O título que escolheu foi *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*. É preciso ler esta obra para melhor se entender o longo percurso e o período conturbado da sua vida nos últimos anos em Macau.

António Aresta, professor e investigador, com extensa e valiosa obra dedicada a Macau, incluiu-o entre as 28 "figuras de jade", portugueses que se notabilizaram pela sua ligação ou relação com o Extremo Oriente, cujas breves biografias foi publicando no *Jornal Tribuna de Macau* e reuniu depois em *Figuras de Jade: Os Portugueses no Extremo Oriente* (IIM, 2014).

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, HISTORIADOR

No livro *Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, Francisco Videira Pires, que também foi uma respeitada personalidade do mundo da cultura, de quem muitos portugueses se recordam pelas suas doutas intervenções na televisão, relata, com sentidas e vigorosas palavras, o invulgar percurso do irmão. Do nascimento à morte, as diversas facetas da sua vida e obra são identificadas e explicadas. Sobre o historiador, teceu, entre outras, as seguintes considerações:

> "Foi a história que mais projectou o nome do P. Benjamim. Por ela, tornou-se membro da Academia Portuguesa da História (nela conquistou vários prémios de investigação), da Academia de Marinha, do Instituto Histórico Ultramarino e da International Association of Historians of Asia, na categoria de governador. Em atenção aos seus méritos, principalmente neste campo, recebeu sucessivamente, diversas distinções honoríficas, a última das quais póstuma (Ordem Militar de Santiago da Espada grande colar de 'Ciências, Letras e Artes'), que eu tive a alegria de receber, em nome da família, no salão nobre do Palácio do Governo, das mãos do Exmo. Senhor Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, a 18 de Março de 1999. […]
>
> Tentar uma análise, sumária que fosse, de tudo quanto publicou, neste domínio, levar-me-ia demasiado longe, para os limites deste escrito. Basta recordar que vários desses trabalhos, como o dedicado à primeira polícia de Macau, *A Viagem de Comércio Macau: Manila nos Séculos XVI-XIX*', as revelações relativas ao 'foro do chão', entre muitos outros, mestres como Charles Boxer os citam por decisivos. Tal era a sua competência de investigador escrupuloso, que o catedrático alemão Rolf Dieter Cremer lhe pediu o capítulo referente às origens e história antiga de Macau, para a obra colectiva *Macau, City of Commerce and Culture* da UEA Press, de Hong Kong, de 1987, que, apenas três anos volvidos, conheceria segunda edição.
>
> Dada, pois, a extensão e riqueza do tema, prefiro pôr em relevo aspectos mal conhecidos da personalidade do P. Benjamim, como historiador. A partir do modo como ordenava os materiais, para concretização dos projectos que ia concebendo. Se reparamos no que, neste ponto, deixou impresso, em livro ou na imprensa, tudo se ordena em torno da actividade de Portugal e da Igreja, por essas paragens remotas. Procurava sempre ir às fontes, que, à falta de fotocopiadoras, as mais das vezes transcrevia à mão, cotejando

depois tudo, palavra a palavra, com o texto da obra, respeitando até a própria ortografia da época. Chegava a regressar ao mesmo arquivo, português ou estrangeiro, para de novo se certificar da exactidão dum texto já copiado, anos antes.

Poucos, antes dele, num método que a nova historiografia da Universidade de Macau vem explorando com tanto êxito, se terão lembrado de vasculhar fontes e arquivos chineses, no que tocasse a Portugal. Mesmo em Pequim. Mas foram-lhe ciosamente fechados, por ser estrangeiro. Do pouco a que teve acesso, o seu domínio do chinês (cujos caracteres tinha sempre o cuidado de apor à versão portuguesa de nomes próprios, locativos ou até expressões correntes mais raras), permitia-lhe clarificar pormenores por que outros, antes dele, tinham passado intrigados.

A epigrafia funerária, como complemento importante do livro ou do manuscrito, mereceu-lhe particular atenção, quem sabe se por inspiração do que, em tempos, aprendera na metodologia de Fernão Lopes. Estudou todos os cemitérios de Macau, em particular o dos cristãos parsis, que no território se refugiaram, para fugir à perseguição dos turcos, o que lhe valeu alta consideração, de parte da família Gulbenkian. Quando não conseguia fotografar as legendas das campas, com muita habilidade e exactidão, desenhava-as em folhas, de que guardo vários exemplares, anotando frequentemente, ali mesmo ao lado dos desenhos, particularidades mais relevantes.

A memória costuma apontar-se como qualidade indispensável ao historiador. Ele a possuía, em grau eminente. […] À memória, pronta e fiel juntava-se, frequentemente, o conhecimento enciclopédico de muitos livros e documentos antigos. No Museu dos Mártires, de Nagasaki, quando lá fomos em romagem oferecer o antebraço de talha doirada, com um osso do braço de S. Paulo Miki encastoado nele e protegido por um vidro (séc. XVIII), o P. Diego Pacheco, S. J., criador desse acervo preciosíssimo, deu logo por um nome português, inscrito na peanha, precedido da palavra DONO, que ele interpretou pelo verbo espanhol 'dono' (doou, ofereceu). Sem hesitar, o P. Benjamim explicou tratar-se do nome dum jesuíta português coevo, que missionara em terras do Extremo Oriente. Citando fielmente, por datas e lugares, quanto dele se conhecia.

O último catálogo de exposição da sua obra publicada refere 57 títulos, entre artigos e livros. Mas logo o cuidadoso Dr. Jorge Arrimar, no prefácio, adverte que, além de muitos artigos dispersos por diversos órgãos de imprensa, a que não conseguiu chegar, a *Enciclopédia Luso-Brasileira VERBO* contém, nos seus volumes umas 200 entradas, algumas fundamentais, sem contar as centenas de estudos históricos não utilizados e que iam aparecendo na 'Religião e Pátria'. Quando o Instituto Cultural publicou, em 1995, 'Taprobana e mais alé2m', em declaração já escrita, projectava ainda uma obra em 2 volumes, sobre a Companhia de Jesus, no Extremo Oriente. Várias vezes me confidenciou essa empresa, que acarinhava muito, e em que reuniria, devidamente enquadrados, todos esses materiais, tão ricos, variados e reveladores".

Ficaram certamente manuscritos esquecidos e trabalhos por publicar. No livro é muito oportunamente lançado um repto a jovens mestres: "quanto antes, para bem da cultura lusa nessas paragens, urge reunir tudo o que o P. Benjamim deixou disperso, com documentação às vezes revelada em primeira mão, seja na Verbo, seja em órgãos de imprensa, local ou não". Não podemos estar mais de acordo.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, PEDAGOGO POR EXCELÊNCIA

Identificados os traços mais relevantes da sua personalidade, como meticuloso e competente investigador, e a obra publicada como historiador, vamos observar uma das missões mais permanentes e absorventes que abraçou: a de educador. São de Francisco Videira Pires estes elucidativos apontamentos:

> "Formado em clássicas e filosofia, apoiadas num leque de ciências positivas, das matemáticas à química e à física, Benjamim inaugura, finalmente, outra prova para que a natureza o talhava: a educação da juventude. […]
>
> Ao partir de Braga, para ser professor de língua e literatura portuguesas, acumulando o cargo de prefeito, o P. Benjamim estudara Max Scheler, que, na melhor das suas obras, *O Formalismo na Ética*, lembra: 'Nada no mundo atrai tão profunda, imediata e necessariamente uma pessoa para o bem, como a visão de um homem de bem, na prática do bem. […] O bom exemplo, puro e sem mancha, ultrapassa de longe qualquer outro modo de fazer bem a outrem'.
>
> Antes, já os clássicos latinos lhe repetiam que *verba volant, exempla trahunt*. E a *paideia* grega, mais original e originária, mostrara-lhe que a personalidade resulta da lenta moldagem duma *forma* (*morphè*), que S. Paulo é o primeiro a identificar com Cristo. Se já para Platão, 'Deus é o pedagogo do universo', os Padres da Igreja grega, que tinham estudado nas melhores escolas de Atenas, retomam a ideia paulina e insistem em que a forma definitiva da humanidade é Cristo".

Benjamim punha todo o seu ardor nas suas aulas, pois aprendera até aí, com tantos dos seus professores experientes e modelares, que, mesmo a última aula que se dá, deve preparar-se, com tanto apuro como a primeira. Mas era a missão de prefeito que mais o seduzia. A disciplina era o menos. Ou melhor: devia brotar do exemplo e do amor. Conquistada a alma daquela rapaziada, mal precisaria de impor e corrigir.

> "Faz a vida deles, no salão de estudo, nos campos de jogos, nos passeios esticados entre pinhais, na Serra da Gralheira. Ouve-os, antes de sugerir seja o que for. E cria a Milícia de Cristo Rei, cuja sétima e última 'lei' apontava para 'um alto ideal', a procurar 'com alegria e entusiasmo'. Não admira, assim, que esses estudantes de preparatórios, entre os 12 e os 18 anos, o recordem, ainda hoje, com saudade, como um dos amigos que mais os marcaram para bem. A maioria acabava por verificar que a sua vocação não era o sacerdócio, mas o laicado. Formaram-se, algum chegou a catedrático eminente, acabando por constituir família. A estima pelo antigo professor e prefeito manteve-se, porém, intacta, a ponto de, nas suas vindas a Portugal, o visitarem e convidarem para suas casas, como se pertencesse ao círculo familiar de cada um deles. Fixado em Macau, o ensino constituiu, desde a chegada, uma das suas ocupações predilectas. Tanto mais que a escola era, desde as origens missionárias da Companhia, com S. Francisco Xavier, na Índia, em Malaca e no Japão, um dos instrumentos preferidos de evangelização. Do Liceu à Universidade local, medeiam dezenas de anos. Nesse intervalo, embora começasse pela responsabilidade duma das escolas que a Ordem já mantinha na cidade, não tardou a sonhar com um grande centro educativo, que prestasse, com o infantil e primário, todo o programa do ensino médio do território. Partiu do princípio, com uma escolinha para os mais pequeninos, em edifício de ocasião e emprestado. Até alcançar, com o Instituto Dom Melchior Carneiro, a plena realização da que sempre considerou a maior e melhor das suas obras".

A sua faceta de educador por excelência fê-lo também servir-se de instrumentos de comunicação, como a revista *Religião e Pátria* e o jornal *Confluência*, para difusão doutrinária, como veremos mais adiante:

> Os diversos cargos públicos que desempenhei nas últimas três décadas da administração portuguesa, proporcionaram-me o privilégio de acompanhar bastante de perto as actividades do Pe. Benjamim Videira Pires, mormente como educador, escritor e historiador. Recebi-o várias vezes no meu gabinete, presidi a festas escolares realizadas no Instituto D. Melchior Carneiro, que ele fundou e dirigiu, convivemos e conversámos em encontros de professores e pude marcar presença em ocasiões especiais relacionadas com as justas homenagens que lhe foram prestadas. Na fase final, muito atribulada, da sua longa permanência em Macau, o acompanhamento foi quase diário, através dos Serviços de Educação e de outras entidades.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, MISSIONÁRIO

Em tudo quanto, para ele, fosse fundamental na vida, "nada poderia comparar-se com a graça do sacerdócio". É também com Francisco Videira Pires que recordamos a sua dedicação ao serviço de Deus:

> "Com 30 anos (caso raro, entre jesuítas, que normalmente só terminam a carreira com 32 a 33), só já pensa em cumprir o voto que, criança, fizera a S. Francisco Xavier, preferindo Macau, por ficar mais próximo de Sanchoão, onde o grande Apóstolo morrera.
>
> Respeitando embora a sua vocação, os superiores precisaram dele, por dois anos, primeiro na

'residência' da Covilhã. Logo o clero da região deu por ele. Chamavam-no para as mais diversas actividades pastorais, até para tríduo e festa de tanta responsabilidade como foi a inauguração da sede duma paróquia nova, a de Nossa Senhora de Fátima, agora a valer também de igreja da Universidade da Beira Interior. Por esse tempo, a despeito de tanta juventude, o seu Provincial não receou incumbi-lo de dirigir retiros ao clero secular.

Os seus dotes de professor não andavam esquecidos. Faltara o mestre de história no Instituto Nun'Álvares, nas Caldas da Saúde (Santo Tirso). Escolhem Benjamim, para o lugar. Quem sabe se o seu destino de historiador e membro de várias Academias do ramo, não nasceria então. Sim ou não, foi por essa altura que se revelou, aos olhos dos superiores, como orador de largos recursos. Terminara a procissão solene da festa do Coração de Jesus, largamente concorrida de alunos e fiéis das localidades limítrofes. O Reitor do colégio pediu ao P. Benjamim que subisse à sacada da frontaria do edifício enorme e pregasse. No final, Reitor e mais padres, alguns com nome feito em púlpitos portugueses, correram a abraçá-lo, felicitando-o efusivamente.

Veio o fim do ano escolar. E Benjamim entrega-se todo à preparação da partida para Macau. Despedidas da família e de amigos. Nesse tempo, a viagem por mar arrastava-se por dois meses, isolado do mundo em que se fizera, pois a bordo do modesto navio holandês *Kertosono*, de passageiros e carga, era quase impossível comunicar para a Pátria, mesmo através de carta retardada, escrita nalgum porto de escala.

Contamos afortunadamente com 'Meia volta ao mundo', relato da viagem, que se tornou, sem que, ao redigir essas cartas, pensasse nisso, num retrato comovido da sua alma. Logo de entrada, evocando Camões, como, em muitas das outras páginas, citando os seus poetas, revela o ideal que o guia – a ânsia de dilatar 'a Fé e o Império'. Ainda não tinham soprado sobre Portugal os ventos escaldantes do 25 de Abril, que, ao povoar-nos de mitos, fez de nós homens partidos. E perdidos da nossa mundividência multissecular. Ele ia de alma inteira, como procurará manter-se até ao fim, contra ventos e borrascas. Sem nunca se considerar ultrapassado. Até porque o 'império' que ajudaria a dilatar era de almas para Cristo, escudado na força indomável duma Fé vivida 'até ao epigástrio', como diria o Kierkegaard de *O Desespero Humano*".

A grandeza da sua devoção à missão da Igreja no Oriente é, seguidamente, realçada:

"Percebe-se bem, à medida que esse livro avança em páginas, a pressa de chegar à sua terra prometida. Aguardavam-no 'irmãos' jesuítas, amigos de velha guarda. Mas a demora por território macaense ia ser curta. Queria embeber-se todo, quanto antes, de cultura chinesa, a começar na língua. Ora, a 'missão' de Shiuhing, integrada na diocese de Macau, era o lugar ideal para este objectivo. A comunidade jesuítica da cidade, composta de padres e irmãos leigos, alguns deles nativos, mantinha um colégio e uma paróquia florescentes, além de outros centros missionários, todos activos, dispersos por esse enclave eclesiástico do que restava do Padroado português no Oriente. Logo tratou de aprender a língua, que acabou por dominar tão bem, que surpreendia os próprios naturais da terra. Até o nome achinesou, passando a ser conhecido por P'un-Sân-Fû.

Missionou em vários postos confiados à sua Ordem. Criando raízes de sólida amizade entre os seus cristãos. Surpreendeu-o o triunfo definitivo do maoismo. Sabendo que estava para ser encarcerado, os seus fiéis, sem olhar a riscos, passaram-no de barco, durante a noite, para território português. Identificara-se em tudo com eles, nos hábitos alimentares, dominando com destreza os pauzinhos, tomando banho com toalhas molhadas, cumprindo as vénias de estilo num banquete. A mãe, descobria, com uma ponta de humor, que até na fisionomia se ia tornando chinês. [...]

Toda a sua actividade multiforme (capelão militar, pároco de S. António, professor do Liceu ou da Universidade locais, jornalista, historiador), traduzia, com naturalidade impressionante, a sua paixão missionária. Com sabedoria guiada pela prudência, não forçava ninguém. Considerava-se compensado de todos os sacrifícios, se baptizava um adulto. […]

Nas estadias em minha casa de Oeiras, levantava-se muito cedo, tomava banho e recolhia-se, já vestido, a meditar e a rezar longamente. E, logo após o jantar, recolhia ao quarto, permanecendo umas duas horas, de luz acesa, em união com Deus".

O seu irmão Francisco considerou fundamentais estes pormenores, já que "omiti-los, realçando apenas a produção cultural, seria mutilar a sua personalidade". Aliás, foi "na intensidade e fidelidade desta sua presença com Deus" que se podia explicar a sua impressionante actividade. "Porque amava Cristo sem reserva, é que entendia dever multiplicar-se por tudo e por todos".

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, POETA

Foi, igualmente, na poesia que Benjamim Videira Pires se evidenciou. Francisco Videira Pires resume assim uma das suas facetas mais reconhecidas – a de poeta:

"A poética do P. Benjamim, pela sua alma profunda, cabe toda nestes versos dum dos seus autores predilectos, o Prémio Nobel Juán Ramón Jiménez, em pequenino poema intitulado 'Poeta', da colectânea *Bonanza*, correspondente ao período de 1911-1912: '*Cuando cojo este libro,/ subitamente se me pone limpio / el corazón, lo mismo / que un pomo cristalino*'.

Friedrich von Hardenberg, famoso romântico alemão celebrizado pelo pseudónimo Novalis, terá concluído que os melhores versos são aqueles que não se escrevem. Outra forma de considerar que 'o poeta nasce', e que as palavras que nos comunica não passam de um disfarce do mistério insondável dos abismos inexprimíveis da sua alma profunda.

Seja o que for e para usar a linguagem clássica dos críticos, na poesia fundo, ou alma, e forma, ou expressão material da sensibilidade mais depurada, dissociam-se incessantemente, no contraponto cultural das épocas e do seu imaginário. Enquanto a alma perdura intacta, a instrumentação verbal por que ela procura chegar até nós, converte-se, de lugar para lugar e de escola para escola, num Proteu em permanente mudança. Mas o cerne da poesia reside, invariavelmente, no *pathos* individual que nos transmite, mesmo que a arquitectura formal já passasse de moda. Vejam a explosão barroca do 'Cristo de Velázquez', de Unamuno, pura obra-prima de lirismo genial, a contrastar com a produção dos seus pares espanhóis do tempo, de formalismo tão despojado. E todos nomes imortais da poética espanhola. [...]

Quando o P. Benjamim terminou o curso humanístico, da geração do *Orpheu* só de Régio lhe chegavam os primeiros ecos. A obra de Fernando Pessoa, à excepção da *Mensagem*, tardaria a aparecer. Embora a tivesse lido, mais tarde. Não admira que os seus modelos, com os clássicos do Renascimento, fossem os poetas românticos e realistas, com Garrett, Antero e João de Deus a dominar. Viriam depois muitos outros, franceses como Paul Claudel, os espanhóis Giménez e Alberti, os brasileiros Jorge de Lima e Manuel Bandeira, com os chineses, dos antigos aos da 'poesia nova', de que traduziu, directamente dos originais, vários poemas, publicados em *Religião e Pátria*.

Logo na sua primeira colectânea, *Jardins Suspensos*, 1955, vertidos para japonês (facto porventura único, depois de Wenceslau de Morais), a sugestão garrettiana de 'Asas brancas' das *Flores sem Frutos*, pressente-se no lindo poema 'Aquele vestido'. Estamos ainda no que poderíamos designar pelo primeiro período, situado entre Macieira de Cambra, Braga e tempos de aclimatação a Macau.

O individualismo radical de Rousseau passou a pesar em excesso, no nosso conceito de originalidade criadora, apesar da inversão que tentaram Ezra Pound e T. S. Eliot, incorporando, com soberba mestria, versos inteiros de Dante, como Camões de Petrarca, até nos *Lusíadas*. Perde alguma coisa de genialidade o soneto 'Alma minha', pelo facto de ser uma paráfrase do mestre italiano? É que o citado poema do P. Benjamim, embora à distância paire nele a sugestão esbatida de Garrett, não tem menos originalidade. E é tão belo como a possível fonte inspiradora.

Descobrimento aparece 3 anos mais tarde. Benjamim nunca se considerou escritor, no sentido estritamente profissional. Os poemas surgiam esparsos, quando a alma lhos pedia, e em horas libertas de afazeres prementes. Como

se percebe por este livro, já todo escrito em Macau, ou nas ilhas da Taipa e Coloane. Embora abra com um soneto, a forma vem toda mais solta, a reflectir os espanhóis da sua predilecção, mas com um colorido oriental marcado, no impressionismo de lugares e imagens, que sugerem mais que descrevem.

Mas é em *Espelho do Mar* (1986), após silêncio poético de 28 anos, que o orientalismo da sua inspiração se afirma adulta, com liberdade e variedade de formas, antes pressentidas apenas. Considero-o uma das melhores criações da poética macaense, não saindo envergonhado, junto à sombra de Camilo Pessanha. Algum dos poemas, escritos em Chôk Ván, evocam um dos eremitérios em que, na companhia dum empregado chinês e um mastim corpulento, gostava de se recolher, em silêncio, para o retiro anual de oito dias, a meditar.

Sei que uma ilustre senhora prepara uma antologia de poetas macaenses, com algum poema do P. Benjamim. Nada mais justo. Aliás, o P. Abel Guerra, S.J., irmão do ilustre sinólogo e abnegado missionário nessas terras do Oriente, P. Joaquim Guerra, S.J., nas suas famosas *selectas*, para estudantes do ensino secundário, incluíra já algum poema do meu irmão.

Raros saberão, contudo, de outro livrinho, a que chamou *Palavras-Poemas*, de 1994. A solidão espiritual adensava-se. Na 'residência' do Largo de S. Agostinho, 4, ninguém sintonizava já com a sua actividade cultural. Assim, esta 'colecção/postais', de não sei que 'Edições Macau', mal terá passado duma aventura de modesta centena de exemplares, para amigos escolhidos. Nem o escrupuloso Dr. Jorge Arrimar parece ter dado por ele, no minucioso catálogo da 'exposição bibliográfica', de 30 de Outubro de 1997. Trata-se de folhas avulsas, 6 ao todo, em redondilha menor, com os versos enquadrados entre duas vinhetas, tudo guardado num envelope aberto, com a assinatura autógrafa do autor na capa".

Oxalá a obra poética de Benjamim Videira Pires, já pouco acessível, possa ser republicada em 2016 e 2017. Macau ficou bem retratada nessa obra, como vemos no poema "Acto de Esperança": "Nesta hora, a Cidade iluminada / é uma flor de nenúfar delicada, / pairando sobre medos e cansaços… / Senhora, não reveles o destino; / Macau prefere a sorte dum menino / que dorme, confiado, nos teus braços".

DA *RELIGIÃO E PÁTRIA* À *CONFLUÊNCIA* – O RIGOR DA PENA

Com referência constante ao livro *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, pudemos recordar o historiador, o missionário, o educador e o poeta. Importa conhecer também uma vertente muito incisiva da sua intervenção cívica e de apostolado, que foi o jornalismo, como instrumento de divulgação e informação e também de saudável e necessário combate por causas por ele assumidas com convicção e espírito de missão:

> "Desde que nasceu, o jornal foi sempre instrumento privilegiado, para expandir ideias. Mais efémero que o livro, tem sobre este a vantagem do êxito imediato. Aí a razão por que as épocas revolucionárias o consideram arma principal de combate e triunfo. Conhecendo o primeiro grande surto com a Revolução Francesa, marca ela também o aparecimento do jornalismo em sentido moderno. […]

Ao fixar-se definitivamente em Macau, o P. Benjamim encontrou *Religião e Pátria* como revista semanal, fundada cerca de 40 anos antes pelos jesuítas portugueses que lá missionavam. Dirigia-a, na altura, o seu confrade P. António Bernardo Gonçalves, que não tardaria a substituir, quando este voltou como Superior para Goa, onde teria de passar, com outros, como o P. Rogério Frutuoso, S.J., doloroso calvário, por parte de jesuítas nativos, inflados de separatismo nacionalista.

A 6 de Janeiro de 1955, assume a direcção, que manteria durante uma boa dúzia de anos. Órgão da Ordem, como veículo das suas obras apostólicas, nomeadamente o Apostolado da Oração, procurou rasgar-lhe abertas para toda a cultura universal, caldeada na frágua do Evangelho. Fugindo, porém, a tudo que rescendesse a incenso de sacristia. Cria secções novas. Com apanhados muito completos do noticiário local e internacional, uma secção juvenil, outra recreativa, os seus *fundos*, variando entre problemas circunstanciais de religião e cultura geral, embora anónimos ou assinados apenas pela inicial B., impõem-se logo pela mestria pensante, como também pelo estilo muito limpo.

Difícil encontrar documento que nos transmita, com tanta fidelidade, a sua maneira de ser, pensar e sentir. Nos poemas que vai publicando, nas referências a individualidades nacionais, internacionais ou locais, aplaudindo ou censurando ocorrências emergentes, doutrinando ou divertindo, com algum conto, pessoal ou adaptado, lemos, como por um livro, dentro da sua alma. Por isso, ao compulsar, agora, de novo, os números da sua direcção que a mãe religiosamente arquivava (faltam alguns, infelizmente), porque escrevia para leitores concretos, tinha a ilusão de que ele estava outra vez diante de mim, num 'estilo falado', como se classificou a prosa matinal de Fernão Lopes. […] Assim, durante cerca de 12 anos. A vastidão da sua cultura, que lhe permitia passar, com todo o à-vontade, da espiritualidade à teologia, à crítica literária e à história, vinha servida por um estilo corredio, do melhor talho camiliano. Ensaios sobre literatura espanhola, chinesa, com a tradução pessoal de poemas admiráveis, e portuguesa, bem mereciam, na maior parte, publicação em volume".

Benjamim Videira Pires ofereceu colaboração a diversos outros órgãos de imprensa, mas foi o quinzenário *Confluência* que, durante dois anos, mereceu a sua intensa e obstinada intervenção:

> "O 'Verão quente' do 25 de Abril, que deu origem a esse jornal, abalou-o profundamente. Um abalo comedido pela convicção, dolorosamente vivida, de que a missão de padre não estava na política em acto exercido. Visitou-me, por esse tempo, em Petrópolis, em cuja Universidade Católica eu ensinava. Levei-o ao deslumbramento das 'cidades históricas' de Minas Gerais: Ouro Preto, Congonhas e Sabará. Chegámos à primeira, ao crepúsculo. Assomando à varanda do hotel, perante a cascata iluminada do casario, espraiado morros abaixo, exclamou: Se Portugal acabasse, gostaria de vir morrer a esta terra tão 'portuguesa'.
>
> O *Confluência* revelou uma fase inédita do P. Benjamim, o humorista. Um humorismo diluído em símbolos e alegorias, que são, as mais delas, pequenas jóias literárias, sempre anónimas. Vejam só este parágrafo dum trecho intitulado 'O tocador de caixa': 'A figura mais ridícula para a rapaziada, na banda de música de certa aldeia, era o tocador de caixa, de nome Elisário. Sobressaía um palmo, acima da cabeça dos companheiros, erguia as varetas com estilo e presunção, enquanto as suas pernas cambas iam desenhando, através das ruas, um X maiúsculo, que servia de cavalete ao instrumento monocórdico, no intervalo entre duas peças: 'trapo, saca-trapo, saca-trapo'.
>
> Acompanhei de perto esses dois anos do jornal. Até porque lá vieram, com o pseudónimo de Carlos Azevedo, bastantes artigos meus, logo parcialmente refundidos na dura análise sociológica da 'revolução dos cravos', *A Manhã sobre a Cidade* (Porto, Lello, 1979), que, em Portugal, foi *best-seller*. Acompanhei, por isso, de perto, em cartas quase semanais, essa fase da sua actividade jornalística. Reveladora, em muitos aspectos. E anónima ou com disfarces fáceis de identificar, porque alguma secção, como 'Calçada das verdades', lembrava lugares que lhe eram especialmente familiares, ou surgia assinada Maninho Fernandes, nome do avô materno.
>
> Esbatidas na bruma dos anos que lhe passaram em cima, muitas dessas páginas, particularmente as de estilo figurado, não perderam actualidade, e bem mereciam selecção cuidada, com alguns contarelos deliciosos, dispersos por *Religião e Pátria*, talvez com o título de 'Parábolas dum tempo sem tempo'. Constituiria uma das homenagens mais perduráveis ao missionário que a Macau lusíada se deu, em alma inteira. Até pela exemplaridade da sua crítica. 'Ridendo castigat mores', aprendera ele com um velho satírico romano. Mais que gargalhar, com travo sarcástico, o P. Benjamim sorria dos disparates desses revolucionários da fancaria, que pensavam inventar o mundo, antes de aprenderem simplesmente a pensar, o que equivalia primariamente a pesar cada decisão. Sem gota de ódio, a escorrer duma só palavra. Antes amor ferido, procurando sempre salvar".

Nos alvores da revolução de Abril, na fase ainda muito confusa de afirmação do novo regime instaurado em Portugal em 1974, o jornal *Confluência* travou com outro órgão político local, intitulado "Democracia

em Marcha", aquele que foi, certamente, um dos mais extremados despiques de que há memória neste território. Pertenciam, respectivamente, à Associação para a Defesa dos Interesses de Macau (ADIM) e ao Centro Democrático de Macau (CDM), duas associações cívico-políticas locais.

NOS BRAÇOS DO PAI DE TODAS AS MISERICÓRDIAS

Apreciada, no essencial, a obra de Benjamim Videira Pires, nas dimensões literária, humanística, pedagógica, histórica e missionária, vem a propósito esclarecer a fase final do seu percurso, marcado por um grave conflito tornado público, respeitante à contenda pela legítima propriedade do Instituto D. Melchior Carneiro, que ele sempre considerara a sua maior realização material, fruto de imensa dedicação e perseverança. O seu irmão Francisco, que acompanhou angustiadamente os anos derradeiros do Pe. Benjamim, relatou de forma muito sentida aquela feroz luta que culminou no regresso do sacerdote a Portugal, depois de resolvido aquele magno problema:

> "Custa chegar lá. Também porque se intrometem covardias inomináveis, que pontuam o nosso tempo de espera. Foi o que tanto me levou a hesitar, em três anos de angústia inimaginável, sem receber letra ou escutar palavra de meu irmão, que eu previa num martírio atroz, de onde a onde quebrado por jornais recebidos de Macau, na maioria com uma enxurrada ignóbil de fantasias caluniosas, disparadas contra ele, mesmo quando pretendiam defendê-lo, e contra os superiores, religiosos ou diocesanos, em total deformação do que fundamentalmente estava em jogo. Escrever? As cartas nunca lhe chegavam às mãos. Telefonar? Recebia, invariavelmente, do lado de lá, a resposta sacramental: *'Father Benjamin is out'*, ou então: *'is sleeping'*, por muito que repetisse o apelo, distanciando horas. Amigos a que recorri o fossem ver, o segurança de serviço barrava-lhes a entrada. Com o desplante de ainda anotarem, numas folhas que guardo comigo, as palavras rituais: – 'Tomei conhecimento', assinadas compulsivamente: – 'P. Benjamim'".

Impossibilitado de o contactar, o seu irmão Francisco decide deslocar-se a Macau para, com as autoridades locais e o inestimável apoio do Governador Vasco Rocha Vieira, pôr fim à contenda. Ao saberem da sua chegada, rapidamente os responsáveis da escola levaram o Pe. Benjamim para a cidade chinesa de Foshan, perto de Cantão, para que não pudesse ser encontrado. Depois de localizado, montou-se de imediato uma bem sucedida operação policial:

> "Tínhamos de transpor a fronteira, antes da meia-noite. Nunca me passara pela cabeça viver na pele um filme de James Bond, com a sirene do nosso carro, disparado, a atordoar as avenidas congestionadas de Macau, para logo arrancar, acompanhado pelo meu jovem pároco, com oficiais da INTERPOL chinesa e outro da macaense, a servir de intérprete.
>
> Já nos aguardava no Hotel, com a Marta e comparsa, detidos, um destacamento da INTERPOL chinesa, sempre amabilíssima connosco. O P. Benjamim dormitava (eram 3:30 da madrugada), reclinado na cabeceira da cama, respirando pesadamente. Toquei-lhe no ombro, chamando: – 'Benjamim'. Abriu os olhos e sorriu-me, perguntando, assarapantado: – 'És tu, Francisco?' Mal lhe respondi: – 'Sim, sou eu, não estás a ver nenhum fantasma.' Logo inquiriu, sorrindo e brincando, enquanto apontava o Sr. P. Fernando Calado, meu companheiro, um pouco atrás de mim: – 'E quem é esse homenzarrão?'
>
> Fomos para quartos magníficos, reservados pela polícia, até que, às 11 da manhã, com a Marta e o pseudo-enfermeiro presos, e eu com meu irmão na mesma ambulância, largámos para Macau, não sem que, antes, no átrio do hotel, ela se recusasse a pagar a conta do P. Benjamim. Nunca suspeitara que o meu VISA da CGD pudesse proporcionar--me tanto júbilo, nesse cabo do mundo. Mas foi lá que as minhas suspeitas se confirmaram, pelo que me comunicou a INTERPOL chinesa. Alguém informara a Marta ou a filha da minha ida a Macau, pelo que se apressaram a retirar meu irmão para longe, a fim de lá o forçarem a fazer--lhes testamento do colégio. O que o P. Benjamim recusou tenazmente.
>
> Esta a última batalha que urgia decidir, mesmo que, para tranquilidade de meu irmão, já para nada importasse. Até à última, tentaram apoderar--se do colégio. Ainda por 1996, a Doutora Fátima veio expressamente a Lisboa, para tentar que eu entrasse no jogo. Recusei-me a recebê-la. Ao P. Jaime Coelho teve a ousadia (ou insensatez?) de afirmar que, sendo o colégio propriedade de meu irmão, este poderia doá-lo a quem quisesse. Já com ele tranquilamente em Mong Há, assistido por um enfermeiro da obra social do bondoso P. Luís Ruiz, S.J., e sempre com dois polícias de vela, o grupelho de uns dez indivíduos, chefiados pela Fátima e um tal Rosa, a servir de intérprete para português, tentaram ainda encontrar-se com ele, o que eu impedi. O pobre argumento esgrimido pelos advogados era esse. E urgia destruir o sofisma que arrastava a questão, no tribunal. O Dr. Manuel Doutel, afilhado--advogado que fora comigo, teve, então, a ideia decisiva: – perguntar a meu irmão se, para acabar com malabarismos jurídicos, lhe parecia bem passar uma procuração, que, anulando quantas lhe tinham inventado, declarasse o Instituto propriedade da Companhia e, portanto, sem possibilidade de contestação posterior. Assentiu logo. Como eu já levava comigo, de Portugal, o nome dum excelente advogado de Macau, o Dr. Luís Gonzaga Cavaleiro de Ferreira, de uma distinta família amiga de Bragança, tudo ficou solucionado no dia seguinte.
>
> Tão viva era no meu irmão a ânsia de voltar, que todos os dias me perguntava, insistentemente: 'Quando vamos para a Torre?' Visitas dos seus amigos de sempre, desde a Senhora Dra. Anabela Ritchie à professora Dra. Beatriz Lee, acudiam constantemente, felizes por vê-lo de novo, e liberto. Mais que todos, o Senhor Governador (que, apenas reentrado nas 'Portas do Cerco', se demorou uns 20 minutos com ele, no Hospital de S. Januário, confessando-me, no final, que há 4 anos que não via o P. Benjamim 'tão feliz'), diariamente se informava de que nada lhe faltasse. E acorreu à despedida, no aeroporto. Despedida de alegria irreprimível, para todo o grupo de íntimos que não quiseram faltar, para lhe dar o último abraço da vida".

O regresso a Portugal, em Agosto de 1998, proporcionou-lhe o retorno à tranquilidade, o reencontro consigo mesmo e a reconciliação com tudo e com todos. Pouco mais viveria. No momento do definitivo adeus, "no seu rosto, impressionavelmente sereno e dentro do olhar ausente, pairava uma Paz sobrenatural. Já não era deste mundo. O tempo conquistara a Eternidade, nos braços do Pai de todas as misericórdias".

OS EXTREMOS CONCILIAM-SE

O livro *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)* é, na opinião de muitos, a obra mais importante e influente de Benjamim Videira Pires. É impossível não concordar com o investigador António Aresta quando, em *Figuras de Jade*, afirmou que "bastava este livro para o relevar como uma referência incontornável no debate da sinologia portuguesa contemporânea, porque convoca para reflexão a filosofia e a religião, a ética, a moral e a antropologia". Publicado, em 1988, pelo Instituto Cultural de Macau, esta obra singular reúne um conjunto de ensaios histórico--antropológicos que condensam o pensamento e a visão do autor, suscitando uma continuada reflexão sobre o percurso e o papel de Macau, bem como o "rico e humaníssimo legado" que pertence à história e "projectar-se-á, por longos anos, no futuro".

Francisco Videira Pires revela-nos em *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão* como tomou contacto com este trabalho ainda manuscrito, numa das visitas que efectuou a Macau:

> "No quarto dele, sobressaía logo, em cima da secretária, com obras preciosas de consulta constante, uma rima de papéis anotados e um manuscrito. Que ocultava surpresa inimaginável. Nada mais nada menos que 'Os extremos conciliam-se', à espera dos últimos retoques.
>
> Julgava conhecer bem meu irmão, com aquilo de que ele seria capaz. O que nunca suspeitaria era que ele escrevesse um livro de antropologia, e logo obra que, relativamente a Macau, me lembrou monografias de referência, como os clássicos *The chrysanthemum and the sword*, de Ruth Benedict, e *Japanese society*, de Chie Nakane. Tinha nas minhas mãos um manuscrito, que, dada a afinidade com o meu campo de estudos, meu irmão, com a humildade que o marcava, me pediu para ler, 'corrigindo' o que entendesse.
>
> Comecei de pé atrás. Mal terminara o primeiro capítulo, já uma vaga de espanto me ia dominando. Demais recordava eu o velho

provérbio: '*Quod natura non dat, Salamanca non praestat*' (Salamanca não fornece o que a natureza não dá). Mas fui-me lembrando da capacidade de intuição e da avidez cultural insaciável de meu irmão. E, chegando ao fim, compreendi como, sem nunca ter cursado antropologia, ele a adivinhara, na faceta mais legítima e actual. [...] Sabendo que semelhança não envolve necessariamente dependência, preferiu mostrar como, passo a passo, duma interculturação lenta e continuada, no diálogo pacífico de séculos, surgiu o milagre duma transculturação, mais concreta que o lusotropicalismo de Gilberto Freyre. A perspectiva histórica abre o passo à exposição antropológica. A miscigenação (biológica, linguística, sapiencial e religiosa) efectiva-se, apoiada numa práxis portuguesa, que meu irmão chamava 'política do bambu', que dobra, aguenta ventos e marés, mas não quebra".

Francisco Videira Pires também nos faculta esta lúcida apreciação dos conteúdos desse livro:

"Os capítulos da obra obedecem a um verdadeiro processo hegeliano de afirmação, negação da afirmação e negação da negação. Para, assim, tudo resultar num mundo novo, que já não é chinês nem português, mas intensamente luso-chinês ou sino-lusíada, se preferem. Podem os actores em presença usar línguas muito diferentes. Uma realidade mais dinâmica sobreleva essa distância. É uma mundividência cultural de convívio, em que a plasticidade adaptativa do china e do luso cria uma capacidade de compreensão mútua, que acabou por superar todas as outras distâncias.

Sempre me fez sorrir a estranheza, quase escândalo, do metropolitano arribadiço, ao censurar o reduzido número de gente de etnia oriental a falar português. A antropologia conhece, desde as origens, a explicação. A língua não é factor primário de fusão. Nem sequer de nação. Outras componentes culturais pesam mais que ela. E 'Os extremos conciliam-se' classifica-as e salienta-as bem.

Para não alongar este apartado, e porque a análise exaustiva da obra pediria quase um livro de dimensões iguais, saliento apenas três aspectos, que, na perspectiva antropológica, considero relevantes: um certo relativismo histórico, o bailado da toponímia e a interfusão de provérbios. Quem passe os olhos apenas pelo índice do livro, sabendo o conhecimento minucioso que o P. Benjamim tinha da historiografia de Macau, poderá incorrer na impressão redutora de estar diante duma síntese da vida do território, ao longo dos séculos. Nada menos exacto. O que surpreende, num homem que trazia na ponta dos dedos toda a bibliografia e documentação arquivística da terra, é a relativização com que incorpora os materiais genuinamente históricos, num trabalho que, explicando o fluir dos factos, em tempo e espaço, ultrapassa a unicidade e irrepetibilidade da historiografia, para captar e fixar o que vai permanecendo, para além de anos e séculos, cristalizado numa cultura inteiramente original. […]

Na sua contenção exemplar, equilibrando sempre a extensão do texto com o essencial da documentação de apoio, Benjamim não se alonga em pormenores laterais dessa documentação. Um número restrito de exemplos, tanto de topónimos como de provérbios, apoia cada ideia, no que importava estabelecer. Se a toponímia, em tempos e lugares mais expressivos da existência comunitária, lhe revelava a consolidação da hábitos de convivência radicada e perpetuada, a paremiologia patenteava-lhe a progressiva cristalização duma sabedoria, que, muito mais que expressão abstracta de cultura materializada por escrito, o metia dentro duma idiossincracia, tão viva como vivida".

TRANSCULTURAÇÃO CRIADORA EM MACAU

Poucos anos após a sua criação, em 1982, o Instituto Cultural de Macau já se lançava numa intensa e diversificada acção em variadas frentes, incluindo a da produção editorial. Neste contexto, em 1987/88, publicou três importantes obras do Pe. Benjamim Videira Pires, S.J.: *A Embaixada Mártir* (2.ª edição), *Portugal no Tecto do Mundo* e *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)*, sendo esta última justamente considerada a sua mais estimulante e profunda produção, reunindo um conjunto notável de ensaios histórico-antropológicos, enquadrados por uma introdução e um epílogo que sintetizam o pensamento e a visão do autor sobre a "transculturação criadora" operada em Macau ao longo de séculos, "osmose contínua e sem datas, em corpo e alma, de tudo o que somos e temos, entre homens e povos que sabem conviver, com toda a abertura de espírito ecuménico", representando "a síntese vivencial que este pedaço de história luso-chinesa plasmou solidamente, num tempo e espaço definidos".

Os ensaios inseridos neste precioso volume constituem fontes incontornáveis para investigadores da história, da memória e do legado de Macau. São estes os seus elucidativos títulos: "Panorâmica das relações sino-europeias até ao século XVI", "Isolamento ou abertura da China Antiga ao mundo?", "A China dos Mings, à data da chegada dos portugueses", "A fundação de Macau", "A 'Mãe das Missões' no Extremo Oriente", "A alma da China", "Tanta foi a tormenta e a vontade", "Pontos de encontro do homem português com o chinês", "A Fonte do Nilau ou Poço da Avó", "Influências mútuas: sino-lusos e luso-chineses", "O foro do chão", "A primeira Polícia de Macau", "Macau e Portugal antigos, vistos por olhos chineses", "Terra e mar cosmopolitas", "Comerciantes estrangeiros, em Macau, nos séculos XVIII e XIX", "D. Alexandre de Gouveia, os padres da Missão e o regresso dos Jesuítas", "Os Governadores e a vida de Macau, no século XIX", "A 'Cidade China', há cem anos", "Desenvolvimento moderno do Ensino" e "As ondas da imigração".

No epílogo, Benjamim Videira Pires oferece-nos as suas conclusões, em esclarecedora síntese:

"Sempre julguei apriorísticas e arbitrárias as duas divisões da história do mundo, em Oriente e Ocidente e em Norte e Sul. Com mais razão ainda, me oponho à sua polaridade e atitude conflitual. [...]

Não há, nem nos indivíduos nem muito menos nas nações, catalogações estanques e graficamente homogéneas. Todos os povos andarilharam livremente pelo orbe e conquistaram a autonomia política e cultural, como puderam. A vida do homem não estagna, nem pára. É um projecto, uma descoberta, em acção contínua, quando as suas mínimas particularidades nos escapam. [...] Os mais de quatrocentos anos da história de Macau provam, à saciedade, que não há extremos antagónicos ou irreconciliáveis entre os homens, mesmo antípodas, desde que cada um seja para o seu semelhante o que deve ser: sempre igual a si mesmo, amigo, irmão".

Mais adiante, o autor explica lapidarmente o conceito de transculturação, em oposição a aculturação:

"O fenómeno da transição de uma cultura para outra, com funda impregnação mútua e natural aproximação e convivência, no mesmo solo e ambiente, chama-se *transculturação*, processo mais completo que o da *aculturação*. Com efeito, aquela envolve não somente a ideia de aquisição de elementos novos (neoculturação), mas ainda a transfiguração dos anteriores e velhos, significando, portanto, renovação e actualização constantes (desculturação). Por outro lado, a aculturação anda ligada à socialização, isto é, à transmissão de características culturais de determinado grupo às gerações diferentes, o que não sucede na 'transculturação'".

Assim,

"se toda a cultura é sucessivamente recebida, assimilada e transformada, num caldeamento de componentes endógenos e exógenos (em rigor, não há culturas exclusivamente nativas, porque todas, mesmo as arcaicas, representam já uma síntese interna e externa, de antigo e novo), em constante superação, este processo dinâmico tende sempre a ir além do que está, aí e agora".

Foi o que o autor detectou, na transculturação de Macau, "em religião (o seu ponto mais alto), nos produtos de consumo, na arte, na ciência, na formação da sociedade luso-chinesa". Ao estudar este fenómeno "na colonização, na miscigenação, no vestuário, na tecnologia, na linguagem, na arquitectura, nos jogos e divertimentos, na pintura, na alimentação, em quase tudo o que pertence à vida", pôde concluir que "os chineses, também 'filhos da terra', não são como os da China nem os da Formosa ou os Wa-K'ius (emigrantes)" e que o macaense "é o tipo societário menos europeu, mas o mais específico e paciente dos portugueses. É o que vive mais longe de Lisboa e, todavia, o mais patriota; o que habita mais separado do espaço vocabular da sauda Instituto de (Galiza e Norte de Portugal) e, contudo, o mais saudoso, porque o mais isolado. As solidões imensas dos oceanos, das planícies e viagens sem fim, o mistério da alma oriental, que o envolve, caldearam-lhe a alma".

A surpresa que temos em Macau, "no contexto de dois mundos que pareciam antagónicos" tem paralelo no "país de contrastes" que é o Brasil, "porque os aspectos mais inesperados e aparentemente inconciliáveis ali

convivem, lado a lado, casando-se numa harmonia superior, que só a complexidade viva, na natureza e na sociedade, alcança quando os elementos em presença se aproximam e conciliam, ao longo do tempo e do espaço". Em Macau, a memória permaneceu e os sinais da presença cultural do Ocidente são visíveis, apesar de todas as vicissitudes. E "os riscos, tantos e persistentes, foram o cadinho que lhe acrisolaram a alma inconfundível".

Benjamim Videira Pires conclui as suas sábias e cristalinas reflexões, lembrando que "o passado de Macau é glorioso e belo". "Teve solavancos, mas não fatalidades. O seu1 rico e humaníssimo legado pertence à história e projectar-se-á, por longos e longos anos, no futuro". Assim seja!

CONCLUSÃO

Já o fizemos várias vezes e voltamos agora, a propósito da comemoração do centenário do nascimento de Benjamim Videira Pires (1916-1999), a apelar à republicação das suas obras, com prioridade para *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)* que, além de fundamental, continua a suscitar interesse académico.

O IIM, que enriqueceu a sua colecção "Missionários para o Século XXI", em 2011, com o livro *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, de Francisco Videira Pires, S. J., organizou, logo em Janeiro do corrente ano, uma memorável sessão evocativa da obra daquele sacerdote, pedagogo, historiador e escritor, a qual contou com uma bem concebida intervenção da professora e investigadora Beatriz Basto da Silva, autora da *Cronologia da História de Macau*. Na ocasião, ela não deixou de reafirmar a "necessidade de reunir a obra dispersa do padre Videira, nomeadamente os artigos que escreveu na revista *Religião e Pátria* e em todas as publicações em que colaborou".

A *Revista de Cultura*, do agora denominado Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, fez bem em lhe dedicar um amplo espaço deste número da sua edição internacional, com vários contributos muito relevantes. O centenário merece, porém, uma celebração muito mais completa, podendo e devendo algumas instituições locais assumir um papel interventor muito mais significativo. Ainda estamos a tempo de o conseguir. RC

Padre Benjamim Videira Pires

Percurso de um Educador e Historiador de Macau

Aureliano Barata*

INTRODUÇÃO

Em boa hora a *Revista de Cultura* de Macau decidiu dedicar um número especial ao Pe. Benjamim António Videira Pires, S. J., no ano do centenário do seu nascimento. Decisão que nos afigura acertada atendendo ao percurso deste jesuíta, que dedicou ao Território cerca de meio século, deixando uma obra ímpar, como missionário, educador e historiador. O Instituto Internacional de Macau (IIM), já em 2011, na sua colecção "Missionários para o Século XXI", editou a obra *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão* (vol. 4), da autoria do Pe. Francisco Videira Pires S. J., que nos proporcionou uma visão mais completa da vida e obra deste emérito jesuíta, filho adoptivo da Macau. Queremos agradecer ao IIM a oferta deste livro, que nos permitiu traçar uma biografia mais fidedigna do homenageado.

O Pe. Benjamim Videira Pires nasceu num período em que a I Guerra Mundial ia já no seu segundo ano, opondo as duas grandes potências hegemónicas de então, o Império Alemão e o Reino Unido, e os seus aliados, entre eles Portugal, pela declaração de guerra da Alemanha, de 9 de Março de 1916.

Em Portugal, o regime republicano levava seis anos de uma vida conflituosa e instável, com reflexos também em Macau, com a expulsão da Companhia de Jesus e de todas as ordens religiosas, com graves consequências para o ensino e para os mais desprotegidos da sorte do Território.[1] Com a retirada das Irmãs Franciscanas de Maria, que dirigiam o Colégio de Santa Rosa de Lima, Macau ficara sem ensino feminino, levando Luís Nolasco, director e editor do semanário *O Progresso*, de Macau, a escrever em 15 de Outubro de 1916:

> "… Em nome da Revolução local de 29 de Novembro de 1910, alguem, sem autorização superior, foi intimar às ilustres professoras do colegio de St.ª Rosa de Lima ordem de despejo […]. Foram para Tien-sin e para Sio-heng ensinar chinas, quem com tanto aplauso e reconhecimento do publico, ensinava as meninas de Macau."[2]

Por outro lado, a turbulência do regime republicano na China, em 1911, teve também reflexos em Macau. O movimento começara em Cantão onde, a 9 de Novembro, o general Hu Hanmin; proclamou a independência da Província. A 2 de Agosto, data tida como certa para o levantamento republicano, milhares de cantonenses procuraram refúgio em Hong Kong e em Macau, entrando neste último território cerca de dez mil pessoas.[3] Mas a instabilidade continuou após a renúncia ao poder e morte de Yuan Shikai, em 6 de Junho de 1916, que antes havia restaurado a monarquia e se autoproclamara imperador. Seguiu-se uma luta generalizada entre os generais

* Licenciado em História pela Universidade do Porto e mestre em História Contemporânea pela Universidade de Macau. É autor da obra *O Ensino em Macau, 1572-1979: Contributos para a sua História* (Macau, DSEJ, 1999), tendo colaborado com entradas sobre o ensino em Macau para o *Dicionário Temático de Macau* (Macau: Universidade de, 2010-2011). Colaborou em jornais e revistas com temas sobre o ensino em Macau.

Graduated in History from the University of Porto (1985), has a Master in Contemporary History from the University of Macau (2005). He is author of O Ensino em Macau, 1572-1979: Contributos para a sua História *(Macao, DSEJ, 1999), having collaborated with Inputs on the teaching in Macao for* Dicionário Temático de Macau *(Macao: Universidade de, 2010-2011). He contributed in newspapers and magazines with topics on education in Macao.*